

CARTA SEMANAL

O Mercado de Trabalho Brasileiro

27 DE MARÇO DE 2026

CANÁRIO DA MINA
ED. 148

G5 Partners

g5partners.com

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego brasileira encerrou 2025 no menor patamar da série histórica iniciada em 2012 (5,1%).

Mesmo quando desconsideramos os efeitos sazonais – muito presentes nos últimos meses dos anos-calendário, por conta das contratações temporárias para as festas de final de ano –, a taxa de desemprego também teria atingido o menor valor da série histórica ajustada para a sazonalidade em dezembro do ano passado (5,4%). São números surpreendentes e que nos fazem indagar se estamos diante de uma mudança estrutural no mercado de trabalho brasileiro. Decifrar esse quebra-cabeça é uma tarefa árdua, que demandará bastante tempo e estudo por parte dos economistas, mas alguns fatores já emergem como potenciais candidatos para explicar a redução recente da taxa de desemprego brasileira, como a queda da chamada taxa de participação. Nesse contexto, vamos utilizar a edição desta semana de “O Canário da Mina” para tentar explicar, de uma forma didática, não somente como essa variável pode estar afetando a taxa de desemprego brasileira, mas também de qual maneira outros fatores podem estar influenciando a própria dinâmica taxa de participação.

Mas, afinal, o que seria a taxa de participação?

Bom, antes de tudo é necessário entender outros conceitos relacionados ao mercado de trabalho. Em primeiro lugar, a taxa de desemprego é calculada como a população desocupada como proporção da chamada força de trabalho, uma variável composta da soma da população ocupada e da população desocupada.

Ou seja, a taxa de desemprego nos mostra a proporção de desocupados dentro do universo daqueles que estão ocupados ou desocupados mas procurando emprego, e não da população em idade ativa (i.e., pessoas com 14 anos ou mais), como alguns poderiam imaginar. De fato, não faria sentido levar em consideração no cálculo da taxa de desemprego aquelas pessoas que estão fora do mercado de trabalho, ou seja, os desocupados que não estão em busca de emprego.

Nesse contexto, a taxa de participação nada mais é do que a força de trabalho como proporção da população em idade ativa. Dessa maneira, ela mensura a porcentagem das pessoas com 14 anos ou mais de idade que estão ocupadas ou desocupadas mas procurando emprego. Em outras palavras, a taxa de participação é simplesmente uma forma de mensurar a parcela de brasileiros que estão participando de maneira ativa – seja trabalhando ou buscando trabalho – no mercado laboral.

Percebe-se, portanto, que tanto a taxa de desemprego quanto a taxa de participação têm uma variável em comum: a força de trabalho. Por esse motivo, alterações na taxa de participação terão reflexos na taxa de desemprego, independentemente de uma modificação na proporção de pessoas ocupadas. No caso, é fácil demonstrar que existe uma relação positiva entre essas duas variáveis: se a taxa de participação subir –

proporcionalmente mais pessoas participando de maneira ativa no mercado de trabalho –, existe uma pressão para que a taxa de desemprego também suba, e vice-versa. Desse modo, é muito difícil entender a dinâmica da taxa de desemprego brasileira sem compreender o comportamento da taxa de participação.

No caso, os números do IBGE sugerem que a taxa de participação no mercado de trabalho brasileiro no último trimestre de 2025 (62,1%) foi inferior à observada no período pré-pandemia (63,2% na média dos trimestres de 2018-2019). A priori, pode parecer uma diferença pequena, mas, na verdade, ela acaba tendo um grande impacto no nível da taxa de desemprego atual – vide a influência relatada no parágrafo acima.

De fato, se recalculássemos a taxa de desemprego do último trimestre de 2025 utilizando a taxa de participação média do pré-pandemia, ela seria de 7,1% – consideravelmente acima do número oficial de 5,1%. É como se a diminuição na proporção de pessoas participando ativamente no mercado de trabalho fosse responsável por exercer uma pressão para baixo de cerca de 2,0 pontos percentuais na taxa de desemprego brasileira. Ou, de uma forma ainda mais clara: mesmo que a proporção de pessoas ocupadas tivesse ficado constante no período analisado, a taxa de desemprego seria aproximadamente 2,0 pontos percentuais inferior à verificada em 2018-2019; e isso porque, hoje em dia, há proporcionalmente menos brasileiros participando no mercado de trabalho.

Definitivamente, um resultado curioso. No entanto, talvez mais interessante que constatá-lo seja tentar entender por que a taxa de participação caiu no período

do supracitado. Não é uma pergunta trivial, e muitos economistas têm se debruçado sobre ela. Um bom ponto de partida, que tem sido amplamente utilizado, é desagregar a taxa de participação por faixa etária. De fato, diferentes grupos etários podem ter propensões diferentes a participar no mercado de trabalho, e mudanças nesses grupos podem ajudar a entender a dinâmica atual.

Com base nos dados do último trimestre de 2025, os grupos com maiores taxas de participação são, conforme esperado, 18-24 anos (67,8%), 25-39 anos (81,6%) e 40-59 anos (75,8%), com destaque para os dois últimos, que apresentam os maiores valores. Por outro lado, as faixas etárias 14-17 anos e 60+ anos registram as menores taxas de participação: 14,7% e 25,8%, respectivamente. Tal resultado faz sentido, e está em linha com a percepção de que as crianças e os idosos participam menos no mercado de trabalho, enquanto os adultos já formados e com menos de 60 anos (25-59 anos) costumam ter maior grau de participação.

Bom, já constatamos que existe bastante heterogeneidade na composição da taxa de participação, dado que cada faixa etária apresenta características diferentes. Nesse contexto, se a taxa de participação agregada hoje é menor do que a verificada no pré-pandemia, isso também é reflexo da interação das diversas taxas de participação por faixa etária. No caso, os dados do IBGE sugerem que a taxa de participação dos grupos 40-59 anos e 60+ anos é, na verdade, maior no quarto trimestre de 2025 do que na média de 2018-2019: 2,5% e 7,8% superior, respectivamente. Para o caso das faixas etárias 14-17 anos, 18-24 anos e 25-39 anos, na mesma base de comparação, a taxa de

participação é inferior hoje: 24,9%, 2,5% e 1,2%, respectivamente. Ou seja, há heterogeneidade também na trajetória das taxas de participação por faixa etária no pós-pandemia: pessoas com 40 anos ou mais de idade têm participado mais no mercado de trabalho, enquanto aquelas com menos de 40 anos têm participado menos, com destaque para os dois extremos (14-17 anos e 60+ anos), com as maiores alterações.

Dessa forma, notemos que, a despeito de a taxa de participação agregada estar caindo, para determinadas faixas etárias ela está, na verdade, subindo. Portanto, é a interação entre essas diversas taxas de participação – algumas subindo e outras caindo – que está fazendo com que a taxa agregada seja, hoje, menor que no período 2018-2019. Isso é muito interessante, porque mostra que a queda da taxa de participação no mercado de trabalho brasileiro está ligada não somente a fatores demográficos (e.g., envelhecimento populacional), mas também a questões idiossincráticas de cada faixa etária.

No que se refere ao último ponto, os dados do IBGE podem, novamente, nos ajudar a entender melhor a dinâmica atual. Dentre as diversas variáveis analisadas, existe uma que tenta capturar justamente o motivo para determinada pessoa estar fora do mercado de trabalho, ou seja, relaciona-se diretamente com a taxa de participação. De acordo com a documentação do IBGE, pergunta-se ao cidadão o “motivo pelo qual não procurou trabalho ou não gostaria de ter trabalhado ou não estava disponível para iniciar um trabalho”. Dentre as respostas possíveis, temos: (i) “tinha que cuidar dos afazeres domésticos, do(s) filho(s) ou de outro(s) parente(s)”; (ii) “estava estudando”; (iii) “por problema de saúde ou gravidez”; (iv) “por

ser muito jovem ou muito idoso para trabalhar”; (v) “por não querer trabalhar”; (vi) “por outro motivo”.

Nesse contexto, podemos, novamente, realizar a estratificação por faixa etária, mas dessa vez para entender quais dos fatores acima foram preponderantes para justificar as mudanças nas taxas de participação de cada faixa desde o último trimestre de 2019.

Vamos começar pelos estratos que apresentaram queda em suas taxas de participação no período supracitado.

Para os cidadãos com 14-17 anos, a principal justificativa é “ser muito jovem” – ou seja, na comparação com o último trimestre de 2019, dentre as pessoas com idade entre 14-17 anos, hoje há uma parcela maior delas que diz estar fora do mercado de trabalho por se achar muito jovem para trabalhar ou buscar emprego, e isso tem puxado sua taxa de participação (consideravelmente) para baixo no período. No que diz respeito àqueles que têm 18-24 anos, notamos uma conjunção de justificativas: “estava estudando”, “ser muito jovem”, “não querer trabalhar” e “problemas de saúde ou gravidez”, com grande destaque para o primeiro. Por fim, a população com 25-39 anos utiliza como principais justificativas para a diminuição de sua participação do mercado de trabalho no período supracitado os fatores “tinha que cuidar dos afazeres domésticos, do(s) filho(s) ou de outro(s) parente(s)”, “estava estudando”, “não querer trabalhar” e “problemas de saúde ou gravidez”, com grande destaque para o primeiro.

Na ponta aposta, existem as faixas etárias cuja taxa de participação subiu entre os últimos trimestres de 2019 e 2025. Para a população com 40-59 anos de idade,

“tinha que cuidar dos afazeres domésticos, do(s) filho(s) ou de outro(s) parente(s)”, “ser muito idoso”, “outros motivos” e “não querer trabalhar” foram os principais fatores para o aumento da taxa de participação no período, com destaque para os dois últimos – ou seja, na comparação com 2019, dentre as pessoas com 40-59 anos de idade, hoje existe uma parcela menor delas que diz estar fora do mercado de trabalho por conta desses fatores, e isso tem puxado sua taxa de participação para cima. Para o caso daqueles que têm mais de 60 anos, “ser muito idoso”, “não querer trabalhar” e “tinha que cuidar dos afazeres domésticos, do(s) filho(s) ou de outro(s) parente(s)” foram as principais justificativas, com grande destaque para o primeiro.

Em conjunto, esses resultados são muito elucidativos.

Pessoas na faixa etária entre 14-17 anos têm participado menos no mercado de trabalho na comparação com o último trimestre de 2019 porque, aparentemente, a proporção delas que se acha muito jovem para participar cresceu no período. Já para aqueles entre 18-24 anos, a principal justificativa para a menor participação é o estudo, sugerindo que, na comparação com 2019, hoje, proporcionalmente mais pessoas nessa faixa etária deixaram de buscar trabalho para focar os estudos, algo aparentemente positivo sob a ótica do desenvolvimento educacional dos jovens brasileiros. Para aqueles entre 25-39 anos, o efeito preponderante está relacionado a questões domésticas – cuidar da casa, dos filhos ou de outros parentes –, que parecem ser proporcionalmente mais relevantes no presente para essa parcela da população e, supostamente, estariam influenciando sua decisão de participar menos no mercado de trabalho.

No sentido oposto, a parcela da população com idade entre 40-59 anos tem participado mais no mercado de trabalho, na comparação com o último trimestre de 2019, sobretudo porque hoje há proporcionalmente menos pessoas nesse estrato alegando não querer trabalhar, inclusive por motivos não esclarecidos (outros motivos). Por fim, para aqueles com mais de 60 anos, a principal justificativa para o aumento na taxa de participação é a queda na proporção de pessoas dentro dessa faixa etária que acreditam que a idade avançada é um impeditivo para trabalhar.

Em suma, os dados do IBGE corroboram a percepção de que, realmente, o mercado de trabalho brasileiro passou por algumas mudanças estruturais desde o pré-pandemia. A taxa de participação está menor hoje, e isso explica um pedaço não desprezível da baixa taxa de desemprego verificada no momento. Ademais, constatamos que a queda da taxa de participação agregada deriva de uma composição heterogênea por faixa etária – pessoas com 40 anos ou mais de idade têm participado mais no mercado de trabalho, enquanto aquelas com menos de 40 anos têm participado menos, com destaque para os dois extremos (14-17 anos e 60+ anos). Além disso, quando analisamos os principais motivos para as variações nas taxas de participação por faixa etária, notamos, novamente, uma pluralidade de justificativas. Por exemplo, enquanto a população entre 14-24 anos tem participado menos no mercado de trabalho por questões de idade ou para dedicar mais tempo aos estudos, os adultos com mais de 60 anos parecem estar participando mais porque proporcionalmente mais pessoas nessa faixa etária pararam de enxergar a idade avançada como um impeditivo para trabalhar ou buscar um emprego.

Frase da Semana

“As discussões não durariam muito se a falta de razão estivesse somente de um lado.”

Duque De La Rochefoucauld

G5 Partners	2023	2024	2025	2026
IPCA (%)	4,62	4,83	4,30	4,20
SELIC F.P (%)	11,75	12,25	15,00	12,50
USDBRL	4,86	6,18	5,48	5,50
PIB (%)	2,90	3,40	2,30	2,10

Sobre O Canário da Mina

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.